

XII Congresso Internacional de Humanidades

O erotismo na obra de Cora Coralina Ms Iêda Vilas-Bôas

Embora se julgasse assexuada por sua própria condição de viúva, o tema erótismo¹ é presença marcante em seus versos. Cora Coralina sente e enxerga o sexo em sua mais pura e natural eclosão. A forma como nos apresenta a libido vegetal e animal nos faz ver e, sobretudo, acreditar, no sexo natural, sem culpa, dogmas preconceito e tabus. A poeta reconhece nas entrelinhas de *Minha Cidade*² a sua sexualidade dormente, entretanto, latente:

(...)
*Minha vida,
Meus sentidos,
Minha estética,
todas as vibrações
de minha sensibilidade de mulher,
têm, aqui, suas raízes.*

Percebemos no verso ‘de *minha sensibilidade de mulher*’ a assunção desta sexualidade e, se fizermos uma leitura intertextual tomando por referência a palavra ‘vibrações’, veremos que a mesma está intrinsecamente ligada ao erotismo feminino. Destarte, a poeta nos revela que, enquanto ser humano, está viva e pronta a cumprir a predestinação da espécie em que o sexo possui carga de intensa responsabilidade para a reprodução e equilíbrio emocional da pessoa.

A análise da palavra e do verso anteriores se dá no campo das múltiplas relações entre a linguagem e a sexualidade. Nesta vertente, o erotismo apresenta-se

¹ Erotismo - conjunto de expressões culturais e artísticas humanas referentes ao sexo. A palavra provém do latim ‘eroticus’ e este do grego ‘erotikós’, refere-se ao amor sensual e à poesia de amor. A palavra grega deriva-se do nome de Eros, o deus grego do amor, Cupido para os romanos, que com suas flechas unia corações. Simboliza, dentre vários significados amor, paixão, desejo intenso. Simbolicamente podemos definir o erótico como a atração para o perfeito, o integral. A junção harmoniosa entre masculino/feminino e a natureza/Deus.

² Poemas dos Becos de Goiás e estórias mais. Global Editora. 21ª Ed. 2003, p. 36.

sob o crivo da linguagem para demonstrar que envolve o homem desde milênios em suas mais variadas facetas: palavras, gestos, imagens, arte, cultura, entre outros. O erotismo analisado na obra de Cora Coralina pode ser encarado como uma tentativa consciente e amorosa dos instintos e desejos do ser humano.

Em seu poema *Cântico da Terra*³ o erotismo natural aparece de forma muito clara:

*Eu sou a terra, eu sou a vida.
Do meu barro primeiro veio o homem.
De mim veio a mulher e veio o amor.
Veio a árvore, veio a fonte.
Vem o fruto e vem a flor.
(...)
Eu sou a grande Mãe universal.
Tua filha, tua noiva e desposada.
A mulher e o ventre que fecundas.
Sou a gleba, a gestação, eu sou o amor.*

Seus versos são repletos de erotismo, de imagens fálicas e com forte apelo sexual que se apresentam sem cerimônia ou parcimônia. Através dessas imagens, nos aprofundamos no espaço da união perfeita do carnal com o espiritual. Em *Velho Sobrado*⁴ essa imagem fálica aparece, nitidamente, a despertar sensações:

*(...)
Dá guarda, perfilado, um pé de mamão-macho.
No alto, instala-se, dominadora,
uma jovem gameleira, dona do futuro.
Cortina vulgar de decência urbana
Defende a nudez dolorosa das ruínas do sobrado
- um muro. (...)*

Cora Coralina traz, numa linguagem poética, a cotidianidade do sertão. Vários de seus poemas demonstram que o tema erotismo envolve toda e qualquer situação. Em *Evém boiada*⁵ a poeta consegue, a um só tempo, mostrar, com simplicidade, que a natureza do animal é reproduzir, cobrir vacas, exercer seu papel

³ Idem, p. 210.

⁴ Ibidem, p.84.

⁵ Ibidem, p.130.

de macho. Entretanto, explicita toda a dor da castração e do não cumprimento natural da vida sexual:

*Eu vi
Lameiro de mangueira, repisado.
Cheiro de currais,
Esterco, mijado.
Cheiro de saúde,
Fecundo, estimulante.*

*Mangueiras esterçadas, lameadas.
Cheiro animal. Cheiro vegetal.
Cheiro de terra, cheiro de vida.*

*(...)
Eu vi
Novilhada mestiçada.
Touros, marruás.
Aspas retorcidas, cumbucadas levantadas.
Morrote de cupim
balanceando, balanceando.
Orelhas – muita orelha –
Compridas, caídas.
O luxo das barbelas salmilhadas.
O ventre liso, redondo.
A verga. As glândulas do sexo,
Enormes, conformadas.
Pelagem luzidia.*

*(...)
Eu vi boi de carro, emasculado.
Castrado.
Tortura das glândulas esmagadas
- torquês, macete.
Infecundado, manteúdo, forte.
Boa caixa – boi de guia, boi do coice, boi do meio.*

*Pesado. Apreçado. Refugado, machucado,
Separado no meio da vacada. (...)*

Os mais despercebidos podem, de imediato, não perceberem a carga erótica do texto, haja vista que Cora se utiliza de expressões e palavras do dialeto sertanejo de Goiás. Grafa o membro masculino por *verga*. A verga do touro é seu membro sexual. Podemos flagrar neste texto, novamente, a estreita relação entre linguagem

e sexualidade. Cora Coralina não objetualiza o sexo, antes, criativamente, persuade os sentidos de seu leitor para acreditar nesse sexo natural.

Cora Coralina deixa entrever em seus poemas todo um teor erótico. Carl Jung⁶ classificou o termo eros feminino⁷ para fundamentar o básico da psicologia feminina:

A psicologia das mulheres é fundada principalmente em Eros, fortemente ligado ao desprendimento, visto que nas épocas antigas o principal atributo relacionado aos homens é Logos. O conceito do Eros podia ser expressado nas épocas modernas como uma ligação psíquica, e o Logos com o interesse objetivo.⁸

Cora Coralina comunga, talvez de modo inconsciente, com esta tese, pois sua escrita erótica sobrepuja intensamente o valor do feminino. Aceita o Eros como elemento natural da vida. E aí, mais uma vez, extrapola limites patriarcais de uma sociedade falocrática.

Detém habilidade em ver e perceber além do ego projetado e de despertar sensações em nosso ser consciente. Apresenta-nos Eros como desejo para o perfeição sexual natural. Essa perfeição, no mundo bucólico e rural de Cora, é necessária para que sintonizemos, ao ler seu texto, a natureza com nossa personalidade.

Cora Coralina, em seus versos, demonstra também que o desejo maior do homem é o amor, e este desejo de se alcançar o amor, utilizando-se de sexo em sua forma natural, nos transporta a uma interconexão e a uma interação com o mundo que nos cerca e com outros seres que nele habitam.

⁶ Carl Gustav Jung. Kesswil, 26 de julho de 1875 - Küsnacht, 6 de junho de 1961) foi um psiquiatra suíço. Utilizando-se do conceito de "complexos" e do estudo dos sonhos e de desenhos, Jung passou a se dedicar profundamente aos meios pelos quais se expressa o inconsciente.

⁷ O Psiquiatra C.G.Jung estudou a psique masculina e feminina e concluiu que os homens possuem o anima no seu inconsciente, que é uma caricatura do Eros feminino

⁸ No Sentido Horário. Vol. X, p. 123-255.

Percebemos na obra coralínea que existe erotismo no sexo e sexo no erotismo, e assim, a poeta vai trazendo aos nossos sentidos o despertar do erotismo natural, como em *Trem de Gado*⁹ :

*Eu vi
O boi deitado exausto.
Pisado. Mijado. Sujo. Escoiceado.
Quartos encolhidos. Juntas dobradas. Cabo inerte. (...)*

Percebemos que figuram, embutidos em seus versos, valores culturais e sociais que inteligam sexualidade e linguagem. Em seu poema *Pouso de Boiadas*¹⁰ encontramos explicitamente o assunto sexo, tão natural em conversas de homens, que por vezes, confundem erotismo e pornografia¹¹:

*Conversa sem sentido.
Os homens estirados
nas redes e nos forros,
assuntam de mulheres...
- Fêmea. Erotismo de macho.
Palavreado obsceno.
(...)
Manelão canta sozinho.
Manelão canta baixinho.
Moda de mulher.
...Dola... Xandrina...
... o chamado obscuro, sexual.
(...)
Manelão canta em surdina,
Manelão canta baixinho,
Manelão canta sozinho
Toada de mulher.
Dola... Xandrina...
O rude chamado sexual.
A saga bárbara
dos boiadeiros.*

⁹ Idem, p. 134.

¹⁰ Ibidem, p. 143.

¹¹ Pornografia é a representação, por quaisquer meios, de cenas ou objetos obscenos destinados a serem apresentados a um público e também expor práticas sexuais diversas, com o fim de instigar a libido do observador. O termo deriva do grego πόρνη (*pórne*): "prostituta", γραφή (*grafé*), representação. A pornografia está ligada, constantemente, atividade comercial e à violência, com intuito de provocar dor física ou moral.

O erótico se propaga nos poemas coralíneos. Cora Coralina parece saber do mito de Eros¹² que, de acordo com a tese socrática, é sempre pobre, não é delicado e belo como geralmente se crê; mas sujo, hirsuto, descalço, sem teto. Deita-se sempre por terra e não possui nada para cobrir-se, descansa dormindo ao ar livre sob as estrelas, nos caminhos e junto às portas. Enfim, mostra claramente a natureza da sua mãe, andando sempre acompanhado da pobreza. Eros, dessa forma, é a personificação da própria natureza. E é assim que Cora Coralina vai introduzindo o mito Eros em seus versos: de forma, naturalmente, natural.

Porém, Eros por ser filho de Poros, herda do pai a capacidade de cultivar o belo de corpo e de alma, e assim, como o cupido, utiliza-se de armadilhas, ardis para capturar os escolhidos. Assim também é o amor natural, cheio de surpresas e sagazes sutilezas. Sua natureza não é nem mortal nem imortal; tudo lhe sucede bem, floresce bem vivo e, no momento seguinte, morre; mas depois retorna à vida, graças à natureza paterna.

Pierre Brunel¹³ dedica estudo a *Um poder Universal: Eros e a natureza*:

Desse primeiro aspecto de Eros, deus primordial, resulta a amplitude de seu poder, que se estende não apenas aos deuses e aos homens, mas aos elementos e à própria natureza. (...)

Finalmente, em sua qualidade de força fecundadora do universo, Eros está ligado à vegetação, cuja renovação primaveril coincide com a estação dos amores. (...)

Eros representa o princípio da vida, e todas estas extensões de seu poder à natureza inteira nada mais são do que o desenvolvimento desse aspecto original.

Em toda a cotidianidade da vida corriqueira, a poeta consegue enxergar e nos fazer enxergar o erotismo:

*A vacada solta partia para os campos e barreiros salitrados
Os bezerros cabritando, cabo levantado.*¹⁴

¹² Eros é uma das divindades primordiais. Pertence à pré-história da mitologia grega. É o princípio da atração universal, que leva as coisas a se juntarem, criando a vida. Eros é a força que assegura a coesão interna do cosmos e a continuidade da vida na terra.

¹³ Pierre Brunel (organização), Dicionário de Mitos Literários. Ed. UnB, 2ª Ed. 1988, p.319-322.

Em seu poema *Mulher da Vida*¹⁵, podemos exemplificar a afirmação a respeito da dita junção harmoniosa, além de revolvermos à secular condição feminina na sociedade:

*Um dia, numa cidade longínqua, essa
mulher corria perseguida pelos homens
que a tinham maculado. Aflita, ouvindo
o tropel dos perseguidores e o sibilo
das pedras,
ela encontrou-se com a Justiça.*

(...)

*A Justiça pesou a falta pelo peso
do sacrifício e este excedeu àquela.
Vilipendiada, esmagada.
Possuída e enxovalhada,
ela é a muralha que há milênios
detém as urgências brutais do homem
para que na sociedade
possam coexistir a inocência,
a castidade e a virtude.*

*Na fragilidade de sua carne maculada
esbarra a exigência impiedosa do macho. (...)*

E por assim entender que o erotismo permeia a vida, Cora nos presenteia, ainda, com versos de um magnífico erotismo implícito, onde fala de arroubos da mocidade e dos desejos humanos carnis. Deixa-nos entrever, inclusive, o contexto psicossocial de seu tempo: *Moinho do tempo*¹⁶

*A gente era moça do passado.
Namorava de longe, vigiada.
Aconselhada. Doutrinada dos mais velhos,
em autoridade, experiência, alto saber.
“Moça pra casar não precisa namorar,
O que for seu virá”.
Ai, meu Deus! e como custava chegar...
Virá! Virá!... Virá virá... quando?
E o tempo passando e o moinho dos anos moendo,
e a roda-da-vida rodando... Virá-virá!
A gente ali, na estaca, amarrada, consumida
de Maria Borracheira, sem madrinha-fada,
sem sapatinho perdido,*

¹⁴ Vintém de Cobre, Editora UFG, 2ª Ed. p. 91- *As Maravilhas da Fazenda Paraíso*.

¹⁵ Idem, pp. 202-203.

¹⁶ Vintém de Cobre, Editora UFG, 2ª Ed. pp. 43-44.

*sem arauto de príncipe-rei, a procurar
pelos reinos da cidade de Goiás
o pezinho faceiro do sapatinho de cristal,
caído na correria da volta.
(...)
A igreja, refúgio e confessionário antigo.
O frade velho e cansado. Frei Germano, piedoso,
exortando paciente e severo. “Minha filha, a virgindade
é um estado agradável aos olhos de Deus.
(...)
Depois a solidão de solteira, o sonho honesto de um noivo,
O desejo de filhos,
Presença de homem, casa da gente mesma, dona ser. Um lar.
Estado de casada. (...)*

O erotismo envolve grande parte da obra de Cora Coralina, basta que tenhamos maior sensibilidade e atenção aos seus versos. No mundo natural do poeta, o assunto é de posse de todos, inclusive das criadas da fazenda Paraíso, que, ao dizer da autora, só valeu depois de perdido. Vejamos um trecho de conversa entre Siá Balbina e Nicota em *Dona Otília*¹⁷, galinha que escapou da morte e amou dentro da despensa, para depois aparecer com uma ninhada:

*Siá Balbina conversou com a Nicota: “Num falei Nicota...
Suncê perdeu a aposta, tudo raça do galo carijó,
O sem vergonha que não respeita nem galinha doente”.
Ao que retrucou a Nicota:
“Foi bão, Bá. Deixou ela sadia.”*

Encontramos a mesma temática de Eros natural em *Maravilhas da Fazenda Paraíso*¹⁸, onde Cora festeja de modo peculiar a reprodução, o nascimento, a vida:

*No terreiro rústico da Fazenda Paraíso,
nos anos da minha adolescência,
era certa e esperada aquela comunicação anual.
A volta dos casais de João de Barro,
para levantar suas casinhas novas
nos galhos do grande jenipapeiro.
Raramente retocavam alguma casa velha
das muitas que resistiam nas forquilhas.
Preferiam fazer novas. Chegavam em alarido,
gritadores e alegres. Gente de casa, dizia rindo meu avô.
Era o tempo sagrado da reprodução.*

¹⁷ Idem, p. 75.

¹⁸ Ibidem, p. 89

*Todo o terreiro se alegrava e acompanhava com ternura
aquela querência, o labor daquelas construções,
o esforço daqueles passarinhos.*

(...)

*e darem começo a casinha, orientada para o sul,
trazendo de começo sua divisão interna,
a camarinha do amor onde renovavam
e defendiam a sua espécie. (...)*

Podemos perceber que a poesia de Cora Coralina reproduz os sentimentos e as sensações comuns aos seres em geral. O erotismo cerceia sua obra numa sinuosa e estreita relação. Reparemos nas palavras utilizadas e voltemos nossos olhos para a semântica: reprodução, querência, camarinha do amor, renovavam sua espécie e podemos perceber que a poeta trabalha com uma linguagem no, com e para o sexo. Podemos atribuir significados a essas palavras e, assim, reescrever junto à poeta, o seu texto, aproveitando a sua linguagem erótica transparente apossando-nos de sua visão de mundo e, também acrescentando, substituindo, enfim, interagindo com essa visão através de nossos referenciais sexuais, sociais, etc. e, nossa vivência. Sob esta ótica, paradoxalmente, poderíamos classificar a linguagem erótica utilizada por Cora Coralina como linguagem pragmática¹⁹ sexual.

No Cântico de Dorva²⁰, este fenômeno pode ser exemplificado, pois Cora escreve eroticamente; contudo, é a nossa interação a respeito do tema que vai condicionar o entendimento do texto e nos conduzir a interpretações e inferências próprias.

V

Dorva é moça da roça.

Dorva lava roupa na tina:

Roupa grossa de homem – calça mescla, camisa de riscado.

¹⁹ Estuda as condições que governam a utilização da linguagem na prática linguística. Na utilização da linguagem pragmática a comunicação esconde mais que revela, escolhe palavras para provocar reações no leitor e passar para ele a responsabilidade de interpretar as expressões veladas, o que chamamos de 'ler nas entrelinhas'. Na interação social evitamos o confronto com o outro para ser aceito em um grupo, por isso, na nossa vida cotidiana protegemos nossa face, da mesma forma que mantemos a face do outro.

²⁰ Meu livro de Cordel, Global Editora, 10ª Ed. 2002, pp. 56-58

*Geme o sarilho no poço.
Tibum... a lata vem cheia d'água.
Vai ensaboando,
Vai cantando:
laranja da china
limão bravo, cana doce
se encontra aqui
se encontra acolá.
Pra dá, pra vendê
pra quem quisé
pra quem passá.
Se dá fogo, se dá água
Não pode negá.
A cantiga de Dorva
alta, gritada
Bramido de fêmea –
apelo enfeitado.*

VI

*É meio-dia; a sombra está marcando.
O sol num desafio de luz
fustiga a poeira da estrada.
Silêncio no sítio.
Um galo canta longe.
Distante, um corno de ponteiro.
Boiadeiro vem vindo devagar...
Os homens lá no eito
relanceiam enxadas.
O milharal chama Dorva.
O cheiro da terra chama.
O arrozal tem seus ninhos
Chamando Dorva.
Um assovio fino, espraçado
fere Dorva.
Larga a roupa, deixa a tina.
Torce o vestido mesmo no corpo,
molhado na barriga.
Olha pra os lados.
Gritam as angolas. Grita um bem-te-vi.
Dorva afunda no milharal.*

VII

*O ninho de Dorva.
A cama de Dorva
de palha e folha
na terra.
Deixa-se cair
sentada, deitada.
Sobre seu ventre liso, redondo
desnudo,*

*salta o macho.
Um ofego de posse
tácito.
Sexo contra sexo.
Aquele cântico de Dorva,
Aquele chamado – piado de fêmea:
obscuro
aflitivo
genésico
instintivo
veio vindo...veio vindo...
Rugindo
chorando
gritando
apelando
do fundo do tempo
do fundo das idades.*

O poema Dorva nos apresenta o que existe de natural nas relações sexuais: o erotismo consensual. O ‘verbo se fazendo carne’. Para que a junção carnal aconteça, houve um acordo tácito entre Dorva e o macho. Mesmo na simplicidade dos versos, privilegia-se a estética, tornando erotismo em arte.

Em seu *Poema do Milho*²¹ *Cora Coralina* apresenta todo o ciclo da vida envolvida pelo erotismo. Por estar, sempre, à frente de seu tempo, a poeta ousa trazer à baila questões mais profundas. Traz a importância sexual para a continuidade da vida. Apresenta o potencial orgástico a serviço do prazer e da confirmação do sucesso de encontros: entre o pólen-flor, o sêmen-útero, o homem-mulher e suas relações cotidianas:

*Milho embandeirado
bonecando em gestação.
- Senhor!... Como a roça cheira bem!
Flor de milho, travessa e festiva.
Flor feminina, esvoaçante, faceira.
Flor masculina – lúbrica, desgraciosa.*

*(...)
As bandeiras altaneiras
Vão se abrindo em formação.*

²¹ Poemas do Becos de Goiás e estórias mais, Global Editora, 21ª Ed. 2003, pp. 165- 166.

*Pendões ao vento.
Extravasação da libido vegetal.
Procissão fálica, pagã.
Um sentido genésico domina o milharal.
Flor masculina, erótica, libidinosa,
polinizando, fecundando
a florada adolescente das bonecas.*

*Boneca de milho, vestida de palha...
Sete cenários defendem o grão.
Bonecas verdes, vestidas de noiva.
Afrodisíacas, nupciais...
De permeio algumas virgens loucas...
Descuidadas, desprovidas.
Espigas falhadas. Fanadas. Macheadas.*

*Cabelos verdes. Cabelos brancos.
Vermelho-amarelo-roxo, requeimado...
E o pólen dos pendões fertilizando...
Uma fragrância quente, sexual
invade num espasmo o milharal.*

*Aboneca fecundada vira espiga.
Amortece a grande exaltação.
Já não importam as verdes cabeleiras rebeladas.
A espiga cheia salta da haste.
O pendão fálico vira ressecado, esmorecido,
no sagrado rito da fecundação.*

Cora, ainda, ousa demonstrar que, por vezes, não raras, sexo e erotismo propiciam momentos de infinitas delícias, sem a preocupação com o papel elementar de fecundação. A poeta vai mais longe e aborda o sexo em suas variadas facetas. Encontramos em seu poema *Lua-Luar*²² referência a uma outra forma de sexualidade. Contudo, a poeta nos apresenta os versos com o mesmo erotismo natural a que se primou em escrever:

*Lua cúmplice
Lésbica lua nascente,
andrógina – lua-luar.
(...)
Lua grande. Lua genésica
que marca a fertilidade da fêmea
e traz o macho para a semente.*

²² Meu livro de Cordel, Global Editora, 10ª Ed. 2002. P. 12

Cora Coralina estabelece parceria com a linguagem para nos apresentar o erotismo de forma ímpar, de modo que possamos e passemos a interagir com sua obra. Linguagem e erotismo coabitam numa zona maleável em que a utilização de metáforas deixa o carnal se aproximar do divino, dando-nos a certeza de que a dimensão das palavras terá seu campo fértil na mente de seu leitor privilegiado, e contagiará a forma de encararmos a sexualidade. Mais uma vez, os versos coralineanos utilizam-se do erótico para tratar de assuntos subjacentes.

Nos versos de Cora, o erotismo pulsa e pulula. O tema é tão natural, que a natureza celebra o amor, o sexo, a vida. Perceber o erotismo na linguagem de seus versos é captar como a cultura de seu tempo tratou o assunto e como sua sensibilidade soube fazê-lo arte através de seus poemas.